

Editorial

VIANA: uma cidade violenta

De repente, Viana se tornou uma cidade violenta, onde assaltos, homicídios, furtos, roubos, uso e tráfico de entorpecentes tornaram-se ocorrências constantes, gerando um estado permanente de violência e medo.

O mais preocupante é que as perspectivas apontam a possibilidade desse quadro de violência piorar.

Recentemente, o jornal *O Imparcial* (edição de 28.2.2016) divulgou uma reportagem sobre a extensão das atividades das facções criminosas Bonde dos 40 e Primeiro Comando do Maranhão (PCM) para a Baixada Maranhense. Dentre os municípios ocupados por esses comandos está o de Viana.

A metodologia criminosa dessas organizações começa com o aliciamento de menores para o uso e a comercialização de tóxicos. Certamente, por esse motivo, grande número de jovens vianenses estão viajando nas ondas do *crack* e da cocaína (que deve ser da pior espécie). A maconha, antigamente chamada de muamba, está sendo superada por essas drogas mais pesadas e, portanto, mais letais.

A juventude está recebendo de braços abertos essa visitação do crime organizado em nossa sociedade, antes marcada por uma vida pacata e segura. O assassinato do jovem Anderson Luis Vieira, em plena Praça São Benedito, durante o carnaval, é uma amostra desse estado de violência que vem chocando a sociedade vianense. Mais recentemente, a cidade ficou estarrecida com o assassinato da ex-secretária municipal de Educação, Adriana Guimarães, e o grave ferimento do seu marido, o vereador Sílvio Guimarães, em um assalto ao posto de gasolina do casal. Embora este último fato tenha ocorrido um pouco fora dos limites do município, a causa e o contexto são os mesmos do tema aqui abordado.

E agora, o que fazer?

O problema é complexo e generaliza-se cada vez mais. A primeira providência é de ordem policial. A comunidade deve cobrar da Polícia atitudes enérgicas no combate à criminalidade. Outra reação necessária deve começar pela família dos jovens. Depois, vem o poder público, com a oferta de cursos de especialização, de mais opções de lazer e campanhas sistemáticas nos colégios.

De todo modo, a participação da sociedade nessas campanhas é de fundamental importância para evitar que seus jovens sejam absorvidos pelo crime de forma impiedosa.

CASA DE ÁUREO E OLÍVIA MENDONÇA



LUÍZ ALEXANDRE

Localizada na Rua Domingos Barbosa, nº 101, esta casa foi residência do casal Áureo de Sousa Mendonça e Olívia Garcia Mendonça, durante quase 40 anos. Antes pertencente a Maria Ingrácia Simas (genitora de Ricardo Simas, cego de nascença e cantor do coro da Igreja Matriz), o imóvel foi adquirido pela família Mendonça em abril de 1939.

A casa ganharia fama, principalmente nos anos 50 e 60 do século passado, por abrigar o maior atelier do Bumba-boi da Baixada Maranhense. Exímia bordadeira de lombos, fantasias e demais adereços do principal folgado junino do folclore maranhense, Olívia Mendonça ganhou fama na região, atraindo clientes de todos os municípios vizinhos, conforme registrou este jornal em sua edição nº 12 (maio de 2006).

O prédio também sediou o Cartório do 2º Ofício da Comarca de Viana a partir de 1978, quando o filho mais velho do casal, Francisco Mendonça, foi nomeado escrivão. Em 1999, após o seu falecimento, sua companheira (e atual herdeira do imóvel), Maria da Assumpção Lima Viegas, assumiu a responsabilidade pelo cartório.

Em maio de 2010, depois de retornar ao antigo endereço na Rua Grande, o cartório passou para a titularidade de Raimunda da Conceição Gomes Barros (Dadica).

Originalmente uma morada inteira colonial (porta entre duas janelas de cada lado), a casa foi reformada por Áureo Mendonça em 1964, recebendo então platibandas com ornamentos (muito em moda na época) e entrada lateral.

Lançamento de Livro

O acadêmico Lourival Serejo lançará em breve um livro de contos intitulado *Casablanca*, cujo título foi tomado de um dos 47 contos reunidos na obra.

Do mesmo modo como se apresentou em *O Presépio Queimado*, uma de suas primeiras incursões no ofício literário, Lourival adota também neste novo trabalho um estilo simples de narrativa, optando por textos curtos, mas repletos de significados.

Por conta da agenda cheia da Academia Maranhense de Letras, o livro *Casablanca* ainda não tem data definida para o lançamento em São Luís, mas certamente será lançado em Viana durante a reunião da AVL de novembro vindouro.



Novo acadêmico

Eleito neste início de abril, Luís Antonio Morais é o mais novo membro da Academia Vianense de Letras. Sua posse está agendada para o dia 9 de julho vindouro, durante reunião solene deste sodalício que deverá encerrar as festividades de comemoração do 259º aniversário de Viana.

Jornalista, publicitário e ainda redator do blog "Vianensidades", Luís Antonio tem 51 anos de idade, é casado e pai de três filhos. Na AVL, o novo acadêmico irá ocupar a Cadeira nº 20 (patroada por Dom Hélio Campos), que estava vaga desde janeiro de 2013 com o falecimento do advogado Aristides Simas Coelho de Sousa.



SINDICATO DOS PESCADORES INAUGURA SUA SEDE

Depois da lamentável denúncia de corrupção envolvendo a administração anterior, o Sindicato dos Pescadores Profissionais, Artesanais e Criadores de Peixe de Viana, fundado em 2006, teve finalmente sua sede inaugurada no dia 14 de fevereiro passado.

Situada no final da Rua Dom Hamleto de Angelis (mesma rua do Grêmio Recreativo Vianense) e simbolicamente à beira do lago, a sede do Sindicato foi construída com recursos próprios, ou seja, com as mensalidades de seus associados. A nova presidente da entidade, Jacirene Raimunda Ferreira Pinto, a conhecida Raimundinha, em apenas 11 meses de gestão, conseguiu concluir a construção do prédio com o apoio dos demais membros da diretoria e principalmente dos pescadores sindicalizados.

De acordo com Raimundinha, entre os objetivos futuros da entidade estão a aquisição de aparelhos de ar-condicionado para



Fachada do prédio e, no detalhe, parte da diretoria (esquerda para direita): Antônio, Raimundinha (presidente), Jeferson, Girlaine e Lainara

climatização da sede, um veículo para uso do sindicato e a oferta de

curso de aperfeiçoamentos para os dependentes dos associados,

especialmente na área da informática.

Cozinha Brasil em Viana

A convite da Prefeitura Municipal, Viana recebeu pela 3ª vez uma edição do “Cozinha Brasil”, programa desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria (SESI-MA), que conta com a parceria do SENAI, IEL, FIEMA e CEMAR.

A finalidade do programa é a educação alimentar, através da aprendizagem de novas receitas e do aproveitamento de alimentos pouco valorizados ou até mesmo descartados pelas pessoas, a exemplo dos caules, cascas, folhas e

sementes das verduras e legumes.

Realizado nos dias 30 e 31 de março, o curso ministrado pela nutricionista Lorena Mendes capacitou 80 alunos, distribuídos em duas turmas (turnos matutino e vespertino). Conforme destacou a secretária de Assistência Social, Suzane Muniz, o programa propicia à população acesso gratuito a palestras de orientação nutricional e aulas práticas com foco no preparo de alimentos de forma inteligente e sem desperdício.



Divulgação

Cartas recebidas

São Luís, janeiro de 2016.

Prezado Luiz,

Parabenizo O Renascer Vianense pela matéria “O apelo e a nostalgia das últimas quitandas vianenses” que me fez voltar ao passado, pois na minha infância, no final da década de 70 e até meados da década de 80, a quitanda era a casa de comércio característica de nossa cidade. Recordo sempre do famoso picolé do João Penha, no Moquiço, e do refresco do Chico Frango. Com certeza, todos eles contribuíram para o desenvolvimento do setor comercial de Viana.
Áureo Viegas Mendonça



Rio de Janeiro, 14/02/15

Senhor Luiz Raposo,

Agradeço a você pelo jornal “O Renascer Vianense” de dezembro/2015, que traz palavras sobre meu pai, João Carvalho. Peço comunicar ao Desembargador Lourival Serejo meus agradecimentos por ter lembrado de meu querido e saudoso pai, a ele se referindo de maneira gentil e respeitosa que me fez tão bem.

Abraços
Moema Pinto de Carvalho

GUERRA CONTRA A DENGUE

Divulgação



Assim como acontece em todo o país, a prefeitura de Viana, através da secretaria Municipal de Saúde, arregaçou as mangas para impedir a proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*, transmissor não apenas da dengue, mas também das temíveis zika e chikungunya.

No último 29 de março, dezenas de profissionais da saúde, educação e demais setores da administração municipal foram para as ruas da cidade, a fim de educar e sensibilizar a comunida-

de em geral para o enfrentamento do mosquito que vem trazendo sérios transtornos à população brasileira e grande preocupação aos dirigentes mundiais.

A iniciativa em Viana faz parte do Plano de Contingência para Enfretamento da Epidemia de Dengue, Zika e Chikungunya no Maranhão, da Secretaria de Estado da Saúde que reuniu gestores das 19 Unidades Regionais de Saúde Estaduais para o alinhamento de um grande mutirão simultâneo em todo o Maranhão.

VIANA RECEBE COMITIVA PORTUGUESA

Por conta do Protocolo de Geminação assinado com Viana do Castelo, a Prefeitura de Viana recebe em julho próximo uma comitiva daquela cidade portuguesa.

Composta de dois artesãos, dois técnicos de serviço social e um ou dois elementos do executivo, a comitiva visitará nossa cidade durante as festividades de seu 259º aniversário. Os artesãos divulgarão as artes e ofícios tradicionais de Viana do Castelo; enquanto os técnicos de serviço social irão contatar com o serviço de assistência social local, objetivando a troca de experiências.

O Protocolo de Geminação incentiva o intercâmbio nos mais diversos domínios de interesse comum entre as duas cidades, como programas e projetos culturais, desportivos, educativos, turísticos e empresariais, fomentando assim a difusão recíproca da cultura dos dois municípios.

PROFESSORAS VIANENSES VISITAM VIANA DO CASTELO

Dentro da programação do protocolo de geminação, celebrado entre Viana (MA) e Viana do Castelo (Portugal), uma equipe composta por quatro professoras e uma técnica de assistência social esteve em visita à cidade portuguesa, entre os dias 19 e 28 de fevereiro de 2016.

O objetivo da visita, além de estreitar os laços entre as duas cidades separadas pelo Atlântico, era o de proporcionar a participação da nossa comitiva docente na atividade “Contornos da Palavra”, a qual versava sobre a formação específica de professores bibliotecários e demais atividades desenvolvidas nas escolas portuguesas.

Já a técnica de assistência social acompanhou o trabalho desenvolvido pelos agentes do serviço social de Viana do Castelo em algumas instituições de apoio à infância e à terceira idade, a fim de conhecer e ampliar sua experiência sobre as variadas formas de ações do poder público em favor da qualidade de vida e da saúde dessa significativa parcela da sociedade.

Durante as atividades acompanhadas em Viana do Castelo,



Fotos: Divulgação

Durante o VIII Encontro de Bibliotecas Escolares “Ecos D’Aquém e de Além Mar”:
Michele Igreja, Viliam Barros, Consuelo Serejo de Sousa, Zinete Muniz e Cleycelena Silva

as professoras puderam constatar o grande avanço ali alcançado na educação, após a implantação da Rede de Bibliotecas Escolares. A metodologia pedagógica adotada, naquela cidade lusitana, baseia-se no pressuposto do importante papel das bibliotecas no processo de formação de leitores, haja vista que a leitura é a principal veiculadora de informações e fonte de conhecimentos.

Esperanças renovadas – Com certeza esse intercâmbio cultural não poderia chegar em hora mais oportuna, pois acontece justamente no momento em que o executivo municipal de nossa Viana se empenha na reativação da Biblioteca Ozimo de Carvalho, completamente esquecida pelas gestões anteriores.

Durante todos esses anos, a Academia Vianense de Letras tem insistido na máxima de que “uma

comunidade que não valoriza suas bibliotecas não pode jamais evoluir”, pois todos sabem que uma educação de qualidade exige boas leituras e, portanto, bibliotecas bem equipadas e com ótimo acervo. A leitura é imprescindível para a formação de qualquer cidadão e tanto estudantes como professores precisam ser estimulados na busca de informações que possam alargar seus horizontes. Os estudantes, porque se encontram naturalmente em fase de formação; e os professores, porque têm obrigação profissional de ampliarem seus conhecimentos para melhor orientarem seus alunos.

Esperamos, assim, que esse contato com as exitosas iniciativas dessa cidade-irmã de além-mar possa produzir em breve resultados positivos na educação local. Em outras palavras: que a comitiva que visitou Viana do Castelo tenha retornado com boas ideias e com o firme propósito de contribuir para a melhoria da educação dos nossos jovens. Seja através do incentivo à organização de bibliotecas em cada escola da cidade como, principalmente, no estímulo de seus colegas e alunos para o recompensador hábito da leitura.



As professoras vianenses com o escritor português Tiago Salazar na Escola Secundária de Monserrate



Viliam Barros em visita ao Projeto de Intervenção Comunitária “Pessoas Maiores” na Freguesia Areaosa



A delegação de Viana do Maranhão com Benjamim Moreira (Diretor do Agrupamento de Escolas de Santa Maria Maior), Cláudia Santos (professora bibliotecária), Maria José Guerreiro (Vereadora da Educação e Cultura de Viana do Castelo) e com ...



... Arnaldo Ribeiro (Coordenador das Relações Internacionais), José Maria Costa (Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo) e Maria José Guerreiro (Vereadora de Educação e Cultura)

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo
(Reg. 0000821-MA)

e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,
Viana – MA CEP: 65.215-000

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 50,00 (cinquenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem renovar a assinatura, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

O Moco-roca é nosso



FOTOS: LUIZ ALEXANDRE

De grande valor paisagístico, o morro do Moco-roca pertence a Viana e não a Cajari como muitos imaginam

José Raimundo Campelo Franco

A cartografia que serviu o Brasil até antes da década de oitenta do século passado era bastante precária. Por esse motivo, técnicas pouco eficientes usadas na elaboração de mapas culminariam em projeções confusas, com baixo nível de interpretação, nomes de localidades incorretas ou até desconhecidas.

Atualmente, as imagens de satélites e cartas topográficas trouxeram consideráveis avanços na definição dos mapas demográficos, que são as principais bases de delimitação dos municípios. Mesmo assim, ainda passam por um lento processo de adaptação e atualização de dados.

No Maranhão, a lentidão desses procedimentos de atualização dificultou a correta divisão territorial dos municípios, gerando demarcações equivocadas e sérios transtornos para as administrações públicas municipais.

Em consequência de toda essa problemática, Viana carrega até o momento alguns conflitos geopolíticos pelas indefinições já pontuadas anteriormente neste jornal pelo acadêmico João Cordeiro. Tratam-se dos povoados Mocambo, Carro Quebrado e Santo Inácio, e, com mais polêmica ainda, a legendária colina denominada “Morro do Moco-roca”, um dos postais do município pela sua diferenciada altimetria em relação aos campos e lagos que o rodeiam.

Os limites vigentes do município de Viana são assim descritos, conforme Cordeiro: *começa na foz do Igarapé João Lopes, à margem direita do rio Pindaré; segue pelo veio deste rio à montante até a barra do rio Maracu à sua margem direita; continua pelo curso deste rio à montante até o lugar Canivete que inclui para Cajari à sua mar-*

gem direita; daí por um alinhamento reto ao morro denominado Moco-roca; segue pela encosta sul e sudoeste deste morro e daí por um alinhamento reto à foz do Igarapé Cajan, à margem sul do lago de Viana.

Desvendando equívocos - De posse da variada cartografia do Atlas Vianense disposto na obra “Veias do rio Maracu”, produzida recentemente sobre o nosso município, pode-se entender com mais detalhes as inquietações evidenciadas por Cordeiro e fazer as seguintes ponderações e esclarecimentos, visando soluções futuras. Analisemos, portanto, as representações das projeções 6 e 12 do referido atlas vianense, onde se encontram destacados alguns aspectos do território e de trechos das divisas.

Pontos de referências como o “lugar Canivete” e “igarapé do Cajan” tornam as descrições das linhas divisórias confusas e indefinidas. Registros de história oral do ambientalista Sabino Costa Neto desvendam alguns destes mistérios. No exemplo do lugar Canivete, Costa Neto revela que o lugar, hoje desabitado, foi ocupado pelas construções de um armazém e uma residência. Talvez por esse motivo, escolhido como ponto (tais construções ainda se encontram mapeadas em cartas topográficas que originaram os mapas censitários), mas que hoje traz indefinição pela falta de maiores detalhes sobre o local. Enquanto que o igarapé do Cajan foi grafado errado, pois na verdade existe ali o igarapé do Cajá.

Outros erros grosseiros também podem ser observados nos limites que definem o território vianense como: “*Cajari à margem direita*” [do rio Maracu], “*segue pela encosta sul e sudoeste deste morro*” nos induzem a imaginar a causa maior do erro, a hipótese de que alguns trechos de

divisas foram traçados com o mapa inverso no plano norte/sul (no popular: o mapa de cabeça para baixo), já que, na realidade, Cajari se situa à margem direita do Maracu e a encosta norte e noroeste da colina do Moco-roca que foram, de fato, inclusas como linhas divisórias em vez de sul e sudeste. Em síntese: tais pontos levantados foram cruciais para a delimitação errada da maior parte da ilha do Moco-roca para o município de Cajari.

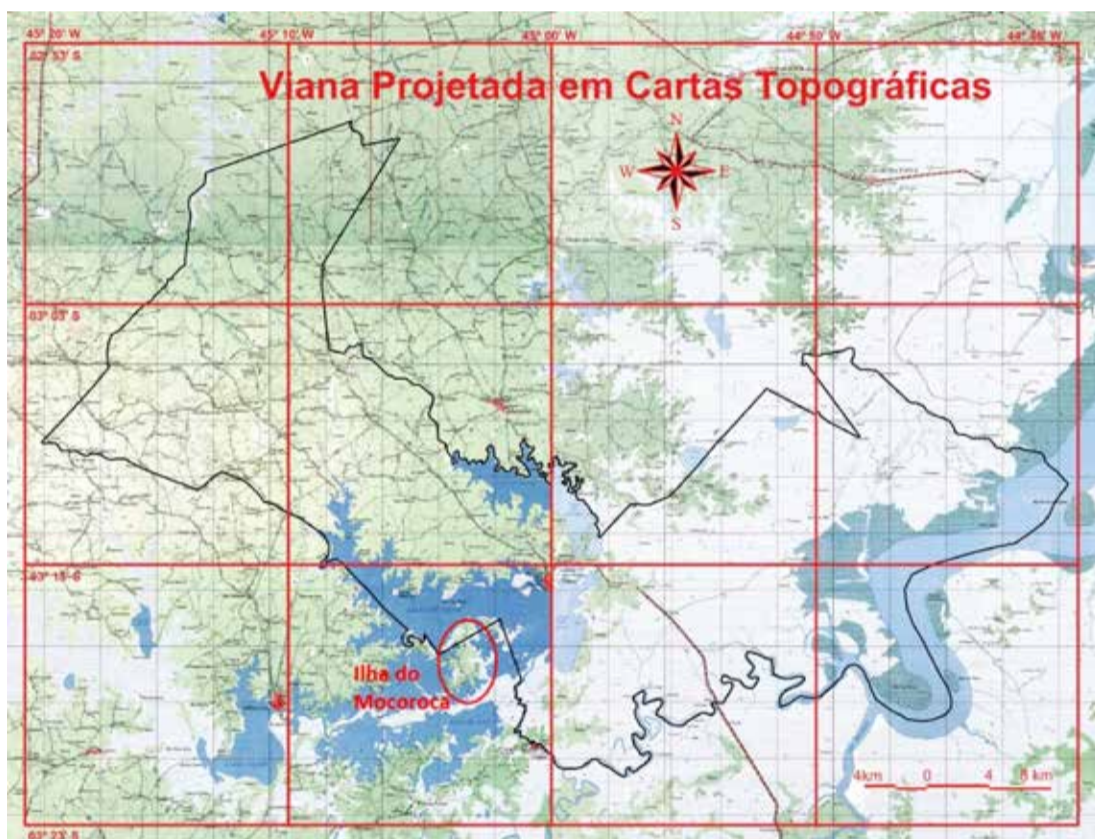
Corrigindo erros – A fim de corrigir tantos equívocos, sugerimos a seguinte proposta de delimitação desse trecho dos limites do município de Viana com as devidas correções.

Objetivando a clareza e coerência dos pontos de referência e linhas divisórias, utilizamos os acidentes geográficos “lago Maracu” (já que o termo “barra” não especifica nenhum ponto) e “colina”, pois a pequena elevação do Moco-roca não o enquadra na categoria de morro. Os trechos sublinhados correspondem, portanto, às correções: “segue pelo veio deste rio à montante até sua confluência com o rio Maracu à sua margem direita; continua pelo curso deste rio até o encontro com o lago Maracu, no lugar Canivete que inclui para Cajari à sua margem esquerda; daí por um alinhamento reto ao sul da colina denominada Moco-roca; segue pela encosta no sentido sudoeste desta colina e daí por um alinhamento reto à foz do Igarapé do Cajá, à margem sul do lago de Viana”.

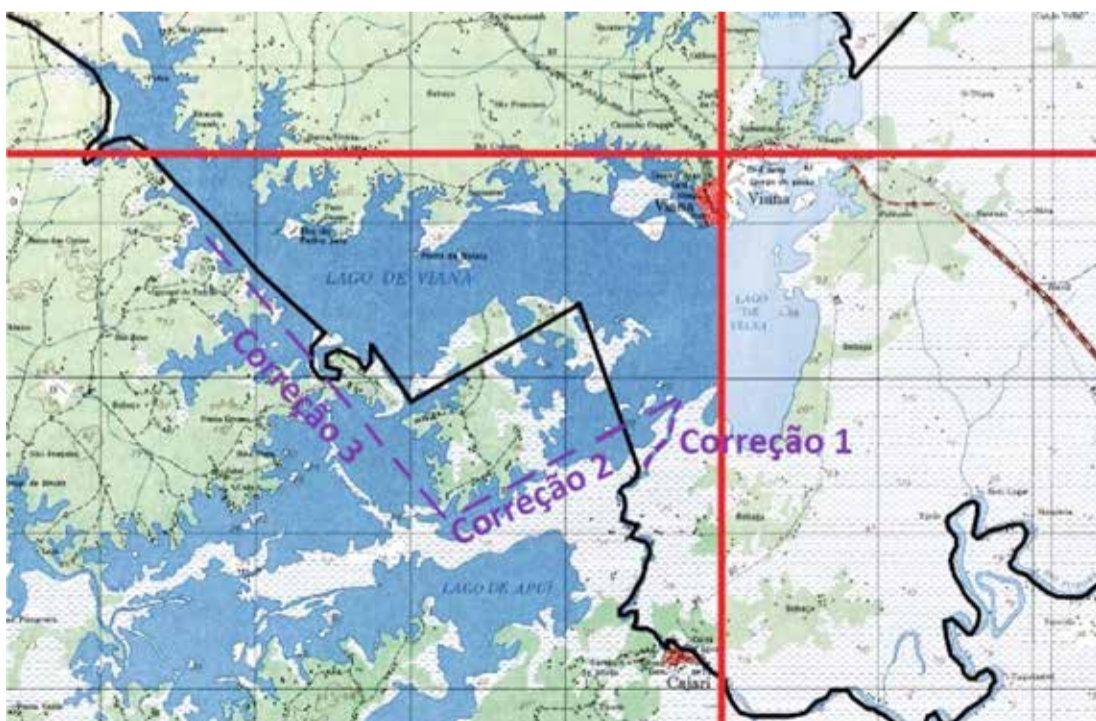
De qualquer forma, enquanto tal proposta não é oficializada pelas instituições competentes e mesmo levando em conta a delimitação atual, não resta nenhuma dúvida de que a ilha com a colina do Moco-roca (ou morro, como é mais conhecido) pertence realmente ao município de Viana.



O Moco-roca visto de perto



Território de Viana em suas atuais linhas divisórias. No detalhe do círculo vermelho, a localização da ilha do Moco-roca (no caso, ficando fora dos limites vianenses)



Configuração de como devem ser as verdadeiras linhas limítrofes do município de Viana (pontilhamento lilás), incluindo para si toda a ilha do Moco-roca.

Correção 1: Lugar Canivete referenciado pelo encontro do rio Maracu e o lago Maracu

Correção 2: Linha contornando o sudeste e sul da colina do Moco-roca

Correção 3: Alinhamento reto do sul da colina até o igarapé do Cajá.

Matéria de João Mendonça Cordeiro publicada na edição nº 18 do Renascer

(novembro de 2007)

Viana enfrenta, há muito tempo, o problema da indefinição de seus limites territoriais com os municípios vizinhos, antigos e novos. Muitas dúvidas pairam e precisam ser urgentemente dirimidas.

Os povoados remanescentes de quilombos, como Mocambo, Carro Quebrado e Santo Inácio, por exemplo, cujas importâncias históricas foram realçadas com a reedição pela Academia Vianense de Letras do livro da pesquisadora e historiadora Mundinha Araújo, *Insurreição de Escravos em Viana – 1867*, ainda pertencem a Viana ou passaram a integrar o novo Município de Pedro do Rosário? E o belo morro do Moco-roca, a quem pertence?

Infelizmente, há um desconhecimento geral não só por parte da população, mas, principalmente, de autoridades e de políticos com referência aos limites territoriais entre os diversos municípios maranhenses. Algumas diretrizes jurídicas devem ser, de princípio, estabelecidas, segundo informações colhidas junto à Assembleia Legislativa do Maranhão:

1º - a legislação ainda em vigor, sobre o assunto é a Lei nº 269, de 31.12.1948, publicada no Diário Oficial de 26.2.1919 e os limites por ela determinados somente foram modificados pela criação de novos municípios;

2º - continua inalterada a Lei nº 6.190, de 10.11.1994, publicada no Diário Oficial dessa data, que criou o Município de Pedro do Rosário.

Em relação a Viana, portanto, persistem os limites então definidos e não alterados, referentes a Anajatuba, Arari, Cajari, Penalva e Vitória do Mearim. Com o Município de Cajari, a citada lei assim determina o limite:

“começa na foz do Igarapé João Lopes, à margem direita do rio Pindaré; segue pelo veio deste rio à montante até a barra do rio Maracu à sua margem direita; continua pelo curso deste rio à montante até o lugar Canivete que inclui para Cajari à sua margem direita; daí por um alinhamento reto ao morro denominado Moco-roca; segue pela encosta sul e sudoeste deste morro e daí por um alinhamento reto à foz do Igarapé Cajan, à margem sul do lago de Viana.”

O que nos leva a concluir que o morro do Moco-roca, definitivamente, pertence a Viana. Somente pertenceria a Cajari, se o marco divisor fosse, como se acreditava, a linha final do lago de Viana que margeia a ilha da Moco-roca.

E os povoados usurpados por Pedro do Rosário? A lei que criou o município determina, taxativamente, em seu artigo 1º:

“Fica criado o Município de Pedro do Rosário, com sede no Povoado Pedro do Rosário, a ser desmembrado do município de Pinheiro, subordinado à comarca de Pinheiro”

Algumas denúncias atribuem aos pesquisadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a culpa pelos lapsos e equívocos cometidos nas demarcações dos limites territoriais. Segundo consta, tais pesquisadores estariam determinando limites por conta própria, de acordo com seu entender, ignorando ou talvez interpretando de maneira errônea o que de fato determina a legislação vigente.

Com tantas descabidas incertezas, propomos que a Prefeitura Municipal de Viana promova um encontro com a participação de representantes de todos os órgãos (estaduais e federais) responsáveis pela definição e manutenção dos limites do Município.

Dissipadas definitivamente as dúvidas, como coroamento das festividades dos 250 anos de Viana, a própria Prefeitura poderia providenciar a colocação de marcos divisórios em cada rumo, a fim de que todos os povoados tivessem certeza quanto ao município a que pertencem.

A FAMÍLIA LEVY COELHO

Lourival Serejo

Na solenidade de posse da doutora Kátia Coelho de Sousa Dias como membro do Tribunal Regional Eleitoral, iniciei meu discurso de recepção à nova empossanda, com estas palavras:

Se todos os presentes tivessem conhecido o senhor Levy Coelho, ilustre comerciante na cidade de Viana, homem probo, católico fervoroso, escritor nas horas vagas, não haveria muito o que falar sobre Kátia Coelho de Sousa Dias. Bastaria dizer que ela é neta do senhor Levy Coelho, uma vez que as virtudes daquele pai, marido e avô, disseminaram-se por toda a família Coelho de Sousa.

Levy Coelho de Sousa, filho caçula de Aristides Augusto Coelho de Sousa, nasceu em Viana, no dia 4 de setembro de 1895. Casou-se com Catarina Simas, nascida em Penalva, em 6 de abril de 1905.

O casal teve oito filhos, todos nascidos em Viana, na seguinte ordem de idade:

Aristides Simas Coelho de Sousa, nascido no dia 10 de agosto de 1922. Faleceu, em São Luís, no dia 14 de janeiro de 2013.

Antônio Simas Coelho de Sousa, que nasceu em 1924, e faleceu ainda criança.

Walter Coelho de Sousa, que nasceu em 11 de outubro de 1926 e faleceu em 20 de fevereiro de 2013, em São Luís.

Maria de Lourdes de Sousa Costa, nascida em 26 de novembro de 1928.

Juracy Coelho de Sousa Campelo, nascida em 3 de junho de 1932.

Teodolinda de Sousa Rocha (Lindoca), nascida em 7 de agosto de 1933.



No tradicional Canto Grande, entre os escombros da casa que abrigou o comércio de Levy Coelho, restam apenas três colunas de pé

Orlete Coelho de Sousa Dias, nascida em 20 de maio de 1935.

Osmar Simas Coelho de Sousa, que nasceu em 1936 e faleceu ainda criança.

Permanecem vivas, portanto, as quatro filhas do casal.

Aristides Coelho de Sousa foi nosso confrade na Academia Vianense de Letras, onde ocupava a Cadeira nº 20. Doutor Walter Coelho de Sousa, odontólogo, prestou grande contribuição ao Ginásio Professor Antônio Lopes como professor.

A senhora Catarina faleceu em São Luís, no dia 5 de setembro de 1959. Anos mais tarde, no dia 4 de setembro de 1971, faleceu o senhor Levy, aos 76 anos de idade.

A antiga residência da família do comerciante Levy Coelho é uma daquelas que foi demolida pelo tempo, não obstante suas paredes de pedra. Ficou ali, no chamado Canto Grande, aquele vácuo com que nos deparamos

hoje. As ruínas que restaram daquela importante casa nada significam para a nova geração. Não sabem que aquele espaço abrigava uma casa de comércio que era nosso *shopping center*, onde o Natal chegava primeiro para atender às exigências e os sonhos do seu principal cliente: Papai Noel.

Não se pode esquecer, como parte integrante do contexto daquela loja, a figura do senhor Quincas (genro do senhor Levy), lento e calmo, a atender com atenção todos os fregueses.

No seu dia a dia de trabalho, Levy Coelho se apresentava sempre bem vestido, com roupas bem cuidadas, calçando sapato – o que era raridade –, impondo respeito e atenção. Nos idos da década de 50 do século passado, o senhor Levy Coelho era um dos frequentadores do seletosarau de monsenhor Arouche. Todas as noites, reuniam-se no palácio

episcopal para conversarem e ouvirem as lições do sábio sacerdote da paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

O espírito elevado de Levy Coelho não o manteve preso em seu comércio. Naquela época em que uma viagem ao exterior era um fato extraordinário – viagens feitas de navio –, atendendo ao seu fervor religioso, ele foi a Lourdes, na França, visitar o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes. Também, na mesma viagem, foi ao Santuário de Fátima, em Portugal.

Aquela casa, que foi o universo e o primeiro mundo – conforme a descrição de Bachelard –, da família Levy Coelho, já não existe mais. As ruínas que ali ainda restam apontam para um passado compartilhado por uma geração que aos poucos vai diminuindo de extensão, até que novas famílias se instalem e o tempo continue a girar.

ADRIANA SILVA GUIMARÃES

MATINHA
★15/06/1973

MATINHA
† 20/03/2016

Professora graduada em Matemática, ex-Secretária Municipal de Educação de Viana (2006 a 2012) e esposa do vereador, Silvio Guimarães, Adriana foi vítima de arma de fogo durante um assalto ocorrido no posto de combustível de propriedade do casal, na vizinha cidade de Matinha.

A ex-secretária, que faleceu na hora, deixou um filho de nove anos. O marido, embora ferido gravemente, conseguiu sobreviver e se encontra hospitalizado em estado grave, em São Luís. Adriana tinha 43 anos de idade.



JOSÉ RIBAMAR NERY RODRIGUES (ZUZA)

VIANA
★13/07/1932

BRASÍLIA
† 04/04/2016

Músico, maestro e subtenente aposentado do Exército, José Ribamar Nery Rodrigues (Zuza) iniciou o aprendizado musical aos 11 anos, em Viana, com o maestro Luís Lima. Aos 14 anos já tocava clarinete e saxofone na banda do tio Ozias Mendonça, e aos 18 ingressou no 24º BC em São Luís.

Em 1962, quando foi feita uma espécie de triagem entre os melhores músicos do Exército Brasileiro, Zuza Rodrigues foi um dos escolhidos para integrar o BGP (Batalhão da Guarda Presidencial), em Brasília.

Depois de passar para a reserva, o subtenente decidiu criar um conjunto musical chamado "Banda do Sol". Tocou em muitos carnavais, formaturas, serestas e outros eventos musicais em Brasília e cidades de Goiás, Minas e Bahia. Criou também a "Lira Infantil de Brasília", ministrando aulas de música para crianças carentes.

O maestro Zuza deixou viúva a também vianense Djanira Cordeiro Rodrigues. Era pai de cinco filhos e avô de oito netos.



JUDITH DE CARVALHO CASTELO BRANCO

VIANA
★01/03/1926

SÃO LUÍS
† 08/04/2016

Filha do célebre Ozimo de Carvalho, Dona Judith faleceu aos 90 anos. Viúva de Vicente Castelo Branco, ela deixou quatro filhos (José Castelo, José Henrique, Stélio e Simone), 14 netos e 17 bisnetos.

Depois de concluir o curso primário no Grupo Escolar Estevam Carvalho, ela estudou no Colégio Santa Teresa, em São Luís, concluindo ali o ginásio em 1941. Retornando à sua cidade natal, casou-se em 25 de dezembro de 1945 na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, aos 19 anos de idade.

Vianense orgulhosa da história e das tradições de sua cidade, Dona Judith era assinante e leitora assídua do Renascer, para o qual não poupava elogios. Entre a família Carvalho, talvez tenha sido ela a que mais se emocionou com o relançamento do livro "Retrato de um Município" de autoria de seu pai, durante as comemorações do 10º aniversário da AVL, em 2012.



PARQUE FOLCLÓRICO DILÚ MELLO

Principal praça de lazer e que deveria ser o maior atrativo da cidade sofre pelo descaso e por falta de administração



Quando construído, no início da década de 90, o parque se destinava a ser um espaço de lazer e entretenimento para a população vianense e, de quebra, transformar-se na maior atração turística da cidade. Visual não faltaria para tanto, pois do local se descortina a mais bela e paradisíaca paisagem de Viana: o lago com o morro do Moco-roca ao fundo.

No entanto, não foi exatamente isso o que ocorreu. Por conta de interesses políticos-eleitorais, os bares e restaurantes que ali seriam ali instalados com o intuito de atrair frequentadores, foram logo substituídos por moradias e residências doadas aos apadrinhados da Prefeitura. Desse modo, o parque foi transformado numa espécie de condomínio residencial. Em outras palavras: o dinheiro público utilizado na construção de uma obra que objetivava o uso estritamente coletivo acabou virando posse de particulares.

Abandono e falta de administração – Nas gestões que se seguiram, o logradouro não gozou de grandes preocupações por parte das administrações municipais que dirigiram a cidade. O governo Rilva Luís até que demonstrou certo interesse ao providenciar nova pintura para as muretas e replantar os canteiros que adornam a praça. Também uma placa gigante foi colocada em homenagem à cantora e compositora Dilú Mello que, desde 1998, dá nome ao parque. Fora isso, quase mais nada foi feito. Talvez por conta daquela máxima que impera na política maranhense: a de não valorizar uma obra que foi construída por



Dilu Mello ao descerrar a placa que dava seu nome ao parque, em 13/09/1998



O outdoor que, no passado, homenageava a artista vianense

outro administrador. Segundo esse pensamento retrógrado, seria o mesmo que “colocar cereja no bolo dos outros”.

Donos do pedaço - Quanto aos condôminos vitalícios do par-

que, nenhum administrador (ou mesmo um vereador que fosse) ousou questionar a ilegalidade da situação. Afinal, quem se arriscaria a perder votos? Nesse ínterim, alguns “proprietários” das casas aumentaram seus espaços e até

construíram pavimentos superiores, conforme denúncia publicada por este jornal em sua edição nº 21 (agosto/2008).

Desunião e poluição sonora – Segundo consta, não é fácil conseguir a união ou o consenso entre os tais proprietários ou locatários do Parque Dilú Mello. Normalmente fracassa qualquer iniciativa que vise a organização e o melhor aproveitamento daquela área privilegiada. No último carnaval, por exemplo, todos deixaram de faturar alguns dividendos por falta de alguma programação que atraísse as centenas de foliões que visitam Viana nesse período. Se a prefeitura não arcar e assumir com alguma iniciativa, nada é feito pelos principais interessados.

Outro problema que afasta os possíveis frequentadores é a poluição sonora que reina no ambiente nos fins de semana. Nem mesmo a Guarda Municipal ou a Polícia Militar aparecem ali para inibir a bagunça geral dos carros tunados que competem entre si pela maior potência. Além das músicas de péssimo gosto usualmente tocadas, a poluição é tamanha que impede qualquer bate-papo entre as pessoas que se aventuram a visitar o local.

Diante de toda essa bagunça, está mais do que na hora da Prefeitura Municipal colocar ordem na casa, ou seja, assumir de fato a administração desse logradouro público com vistas a colocá-lo a serviço do bom entretenimento e do bem-estar da população como um todo e não apenas para usufruto de alguns poucos com acontece atualmente. Isso seria investir na qualidade de vida dos vianenses.

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE

O FOJO DOS JESUÍTAS

Construída pelos escravos, uma passagem escavada na terra encurtava o caminho dos padres até o antigo Engenho São Bonifácio

Luiz Alexandre Raposo (*)

Naquele início da colonização, quando a geografia maranhense não era de toda conhecida, ao se deslocarem a São Luís para compra de mantimentos, os padres jesuítas enfrentavam grandes dificuldades para retornar ao Engenho São Bonifácio, centro propulsor da Missão do Maracu e pedra fundamental da futura cidade de Viana.

Durante os meses de inundação, após passarem pelo igarapé da Sumaumeira, tinham como porto de desembarque o igarapé do Carnaúba. Desse ponto os padres faziam outra longa viagem de canoa até o final da Baixa Grande, enfrentando depois as fortes correntezas do temível e traiçoeiro igarapé da Mutuca para alcançarem, finalmente, o igarapé do Engenho.

Uma alternativa menos perigosa, mas de árdua jornada, era fazer a pé todo o trajeto do final da Baixa Grande até a fazenda, margeando o igarapé do Engenho e transportando os mantimentos em lombos de animais ou nas costas dos negros. Presume-se que nessas viagens, os padres tenham observado a enseada do Pau Caído e planejado a construção do fojo, o qual interligaria as duas enseadas durante o período das cheias, encurtando sobremaneira o caminho de volta.

A enseada do Pau Caído era uma ponta de terra, coberta por densa vegetação, que avançava em direção à Baixa grande. Muito tempo depois essa mesma enseada passaria a ser conhecida por enseada dos Cubangas, por ali viver uma família negra chefiada pelo



velho Mariano Cubanga (mais recentemente receberia a denominação de enseada do Velho Boa, por situar-se ali a propriedade do Sr. Boaventura Mendonça). Depois de sofrer brutal desmatamento, a proeminente ponta de terra desapareceu por completo, descaracterizando-se assim esse acidente geográfico.

Por seu lado, a enseada do Fojo (ex-Arari-ba-poá), apesar de ter sido também desmatada para a construção de várias casas, ainda se caracteriza como tal nos tempos atuais.

Estima-se que o fojo tenha sido construído nos meses de seca, logo no início da colonização portuguesa. Possuía cerca de três quilômetros de extensão por três a quatro metros de largura. Na parte mais alta do terreno, o canal foi escavado por aproximadamente uns 800 metros. O restante exigiu apenas o trabalho de desmatamento. Nos primórdios de Viana, essa passagem foi de grande utilidade não somente aos padres jesuítas como igualmente a todos os colonos que chegavam para se estabelecerem na região.

Utilidade que atravessou séculos – Mesmo depois que o rio Pindaré passou a ser utilizado normalmente como via de acesso entre São Luís e Viana, o fojo construído pelos jesuítas não perdeu sua serventia, já que de setembro a dezembro, quando o estio chegava ao seu apogeu, o nível das águas do rio baixava de tal modo que submetia o tráfego das lanchas ao ritmo das marés.

Assim, por ocasião das fracas marés de quarto-crescente e quarto-ninguante

que não alcançavam grandes extensões rio adentro, as embarcações só conseguiam chegar até o porto da Beira da Baixa, onde desembarcavam passageiros e mercadorias. O resto do percurso até Viana era feito em animais de montaria que cortavam caminho pelo histórico fojo.

A partir do final da década de 1940, os caminhões passaram a fazer esse transporte sem alterar, contudo, o secular itinerário que passava pelo fojo.

Até os anos 70, o fojo ainda tinha grande utilidade para os pecuriatas e pequenos agricultores da região. Para os primeiros, facilitava o deslocamento dos rebanhos bovinos que vinham dos municípios de Cajapió, São João Batista ou São Vicente Férrer em busca da pastagem fresca dos campos vianenses e da fartura d'água que o lago oferecia. Já para os lavadores, que precisavam comercializar na cidade a produção de seu trabalho, o fojo igualmente lhes encurtava o caminho do transporte feito em animais de carga ou carros-de-boi.

A destruição do fojo – Na década de 80, com o construção da rodovia MA 014 o fojo foi entupido, restando hoje pouco para se ver daquela que foi a primeira obra da engenharia vianense e que, durante mais de dois séculos, ajudou a escrever a história de um povo valoroso e desbravador.

(**) Extraído do livro "Memórias de América Dias" de autoria de Luiz Alexandre Raposo. São Luís: Edições AVL, 2012, p. 162-164.



O pouco que restou do fojo, hoje totalmente invadido pelo mato e pelas águas do campo



Trecho da rodovia MA 014, no Ibacazinho, que soterrou grande parte do fojo (ao fundo)